



# O Gaiato



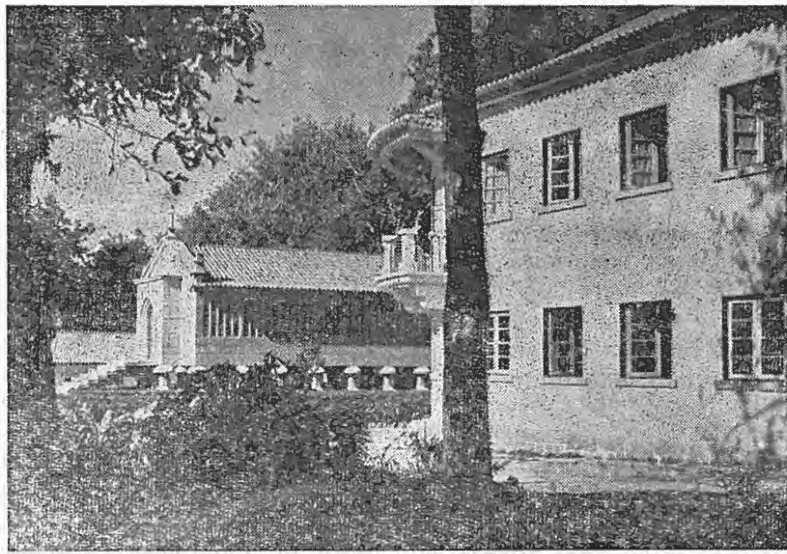
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 442 Preço 1800  
18 DE FEVEREIRO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
CÓMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Uma perspectiva do Calvário — lugar de Cruz e de Vida.

Se o mundo abrisse muitas vezes o Evangelho, para comer o pão que ali se dá e beber a água que dele jorra, ninguém, por certo, voltaria a ter mais fome nem mais sede. Tenho o Evangelho aberto em minhas mãos. E diante dos olhos as palavras do Mestre: «Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi». Esta exclamação esclarece e norteia o xadrez tão variado da vida humana. É fonte de optimismo e simultaneamente de valorização moral de todas as situações, por mais humildes. É sobretudo clarão luminoso para tantos doentes a quem o sofrimento prostra no leito, anos seguidos.

Cristo foi dado aos homens como Salvador. E salvou-os morrendo. Desta Morte, porém, brotou de novo a Vida. E, assim, Ele é a cabeça e nós membros desse Corpo perenemente Vivo, o Seu Corpo Místico.

Ora, a Humanidade através dos tempos vai exigindo o sacrifício de Cristo. A causa tem sempre actualidade, que os homens estão falhados e continuam propensos ao mal. Mas, Cristo glorioso não sofre mais. Roga, pois, aos Seus membros que o façam. E aqui está a razão de tanto sofrimento incompreensível ao mundo. É Cristo a pedir dor.

Isto é raio de luz sobre tanto sofrer em trevas. Como não há-de apeteer sofrer, sabendo-nos membros de Cristo e conhecendo que Ele nos supplica esse sofrer! Por isso mesmo, muitos não querem outro viver. Preferem sofrer. É o sacerdócio do sofrimento. Trata-se de vocação, a

## CALVÁRIO

vocação do sofrimento, de altíssimo mérito quando aceite.

Nós fomos a Fátima com os nossos doentes. Antes, porém, recomendo-lhes que não peçam a cura. Isso pertence ao Senhor. É erro colocar nossos interesses acima dos d'Ele. O Senhor, ao mandar-nos o sofrimento, quer utilizar-nos como instrumentos Seus. Por isso, pedi aos doentes que se entregassem em doação alegre e incondicional ao bem da Sua Causa que é a dilatação do Reino.

Frequentemente saem visitantes de junto do leito dos doentes com os olhos arregalados de espanto: — «Eles são felizes apesar de tudo...» E são. No rosto de muitos há alegria habitual. Nem podia deixar de transparecer.

Doutrina escandalosa, por certo, é esta. Talvez desumana, dirão muitos. Mas se o Mestre precisa de quem sofra! E chama! E ordena! Quem pode atrever-se a fechar-lhe a alma e o corpo?!

Padre Baptista

## AGORA

TEM vindo a adiar de número em número. É a falta de espaço... É o recado de que o material já sobra... E torna a ficar para o jornal seguinte.

Hoje tem de ser. A multidão dos devotos comprime-se atrás de cada andor. Nem posso contê-los mais sob pena de que venham a invadir o jornal e tomar as quatro páginas por sua conta. Vamos, pois.

A «procição» abre com os das casas por inteiro. E diga-se desde já: vai-se generalizando o costume de dar para uma casa quantia mais próxima do seu preço real do que os tradicionais 12 contos. Aqui temos a de Santo António, entregue no Tojal: 20 contos. Mais uma Casa Minha Mãe, «por ser em sua intenção». Mais outra Uma Graça do Coração de Jesus. Esta não falta há muitos anos, nos primeiros dias de Janeiro. Uma dúzia do «Anónimo B.». Dez para juntar a seis entregues ainda em vida de Pai Américo. E mais duas, de Santa Lúcia e de Santo António dadas para S. Pedro da Raimonda, na comemoração das Bodas de Oiro de um casal amigo.

Dobram a esquina os do pendão «de todos os meses».

É o dos 20\$ poupados ao tabaco. Mas afinal agora já não é um, são dois! É a do «Pequeno Louvre». São as três últimas «estações» da Via Sacra. E agora, acabou-se?, ou recomeça? É o Porto com a «cota» de Outubro e Novembro e o pedido «de conversão de um chefe de família». E Lisboa, «Uma Amiga dos Pobres», com «intenção de contribuir todos os meses, assim Nosso Senhor me dê possibilidades de o fazer».

Passa o pendão dos «Ocasionalmente». 400 e «gostaria muito de fazer uma casa completa, a Casa do Beato Nuno, mas por ora as dificuldades são tantas que me não é possível abalancar-me a tal».

Quem disse? Coragem, confiança, paciência e ande em frente, que dos fracos não reza a história!

Passam Vouzela e Loriga e o Porto, no Espelho da Moda, e na R. Barão de Forrester. Não sei onde, com «metade para

telhas, metade para vós—1960». Agora é uma Avó de Almada. E Maria do Resgate, mais este desabafo: «Embora o ano que findou fôsse tormentoso, Nosso Senhor sempre me estendeu a mão quando estava prestes a cair!» Torna o Porto: São 398\$90 da Casa-Mealheiro, sita nos Correios da Batalha e um economista com mais lembranças pró Calvário, Barredo, Conferência, Casa e Jornal.

Aqui neste escritório, duas presenças de duas Mães muito simpáticas. Uma de Vila Real, ora no Brasil, com uma linda pulseira-relógio, que valeu

4.570\$. Outra de Nova Lisboa, ora em Braga, que mais parece irmã que mãe de nove filhos.

Um pequenino grupo de três tocados pela Nota da Quinzena há meses publicada sobre a morte do Manuel Tomás quando soube que a sua casa seria uma realidade, apareceu aqui, de mãos dadas.

Outro pequeno grupo, hoje em conjunto: trabalhadores mais os que concorrem para a mesma casa. Temos os Funcionários do Banco de Portugal e uma Lourdes para a casa de N.ª S.ª de Lourdes. Os Farmacêuticos para as suas casas com 1.177\$. 500 para a Casa do Emigrante, «com desejos de grandes bençãos de Deus e peço-lhe uma oração pelos meus 4 pequeninos». Dez vezes menos de Nampula para a Casa de Santa Filomena. O mesmo para a casa do meu aniversário e outro tanto para a Casa de N.ª S.ª do Carmo. Idem, de

Continua na 3.ª página

## MORRIS

Foi há muitos anos a primeira vez. Lavrava a guerra por todo o mundo. As indústrias haviam sido mobilizadas: Carros de assalto em primeiro lugar. Carros para levar aos homens paz justiça, amor — depois, somente, quando..., se restasse lugar para eles.

Então, aqui, neste cantinho, nascia uma Aldeia que os portugueses muito haviam de amar. O serviço dela, serviço de paz, justiça e amor, reclamava um carro. Pai Américo foi por aí abaixo. Foi como tantas outras vezes, guiado pelo olhar providencial do nosso Deus, que é nosso Pai.

Bateu à porta daquele Stand da Rua da Escola Politécnica. Precisava de um carro. Precisava dele com urgência. Era urgência que vinha pedir, não o carro. Pois teve o carro e a urgência: Entregaram-lho logo.

Foi assim o primeiro Morris. Compreende-se a estima que Pai Américo lhe tinha. C carinho com que falava dele, como de um companheiro: «Fomos por aí fora, eu, fulano e o Morris...» Quantas vezes ele escreveu desta sorte!... Pois não era o Morris um instrumento precioso em sua missão de «Recoveiro dos Pobres»?

Os anos correram. O primeiro Morris passou dos 80.000. Era oportuna a troca. Pai Américo fê-la, disposto a dar de volta a diferença de valor entre o carro velho e o novo.

Em Lisboa soube-se. Quando foi pela dívida, já esta fôra apagada do livro dos devedores. Outro recado fôra assentado ali: «Quando precisar de nova troca, venha a Lisboa ter comigo».

E Pai Américo voltou pelo terceiro e pelo quarto. Pelo quinto já fomos nós, depois da sua morte. Agora outros 85.000 quilómetros aconselhavam nova troca.

Fomos pelo sexto. A firma chama-se como se chamava, mas as pessoas não são as mesmas. Não são as mesmas as pessoas, mas a disposição sim. Invocamos a tradição. Recordamos a história que fez do Morris o instrumento precioso, que estimamos quase como se estima um companheiro de trabalho.

E o sexto Morris aí está para levar aos homens paz justiça, amor.

Neste nosso mundo onde os carros de assalto têm ainda lugar em demasia, Deus deve gostar do Morris.

VISADO  
PELA CENSURA

## DO MINHO A MOÇAMBIQUE...

... o movimento de assinaturas permanece no mesmo pé! Graças a Deus!

**A VOZ DOS LEITORES:** Não é sem um nadinha de emoção que a gente lê e relê e mastiga todas as cartas recebidas. Temos, por exemplo, aqui à mão, uma vinda de algures. É de um Militar que enobrece a sua farda. Eila:

Quanto à Campanha de Assinaturas envio junto uma relação, apenas de 5 novos assinantes e não envio a própria relação, pois de a trazer tanto tempo dobrada no bolso, já não estava em condições de enviar.

Um dos assinantes é a sala dos Soldados do meu Regimento, que suponho venha a dar bons frutos e até futuros assinantes, pois hoje em dia os nossos soldados são mais dados a estas leituras e prontos a auxiliarem Obras como esta, do que propriamente aqueles que podem.

Como sou o encarregado da sala, lembrei-me torná-la assinante de «O Gaiato», pois se não me enganar será um bom meio de expansão. Ainda falei a um camarada, Director da Sala de Sargentos, mas como já assinam vários jornais e revistas, disse-me que não queria. No entanto acho que esse meio de expansão era interessante e que até enviando um exemplar gratuitamente para estas salas e mesmo para Associações e Clubes Desportivos, despertaria o interesse de vários associados que o lessem, pois estou crente que há muita gente que desconhece «O Gaiato» e desconhece o seu alimento».

Oh simpatia! E quantos camaradas irão acordar seguindo-lhe as pisadas! Sim, porque é verdade, note-se, ainda «há muita gente que desconhece «O Gaiato» e desconhece o seu alimento». Daí a razão de ser desta Campanha.

Entretanto, porque não devemos abusar do espaço, neste introito que temos dedicado à Voz dos Leitores, vai só mais o excerto de um cartão:

«Traz-me a Paço de Sousa somente isto: queria assinar «O Gaiato» e desejava um exemplar daquele livro de Pai Américo — «Doutrina». De «O Gaiato» gostaria de receber a começar pelo primeiro número de 1961.

Tenho pensado que no meio dos problemas do Seminário, me fará bem ler a doutrina de Pai Américo. Corre-se o risco de esquecer grandes problemas e grandes realidades».

É um sacerdote. Um pastor de almas. Mais: um educador

de futuros sacerdotes, cuja inquietação faz, aqui, muita luz.

**PORTO/LISBOA:** O Porto, o velho burgo tripeiro, reage vigorosamente. Caras conhecidas e amigas estão-se a mexer. E, daí, não podemos deixar de frizar a chama viva que irrompe da alma de um Engenheiro dos C. T. T. que, no seu meio, angariou uma catrefa de gente fresca, «tudo funcionários e, portanto, com pouco dinheiro, mas de boa vontade». E esta «boa vontade», caro Amigo, é que importa, é que interessa. Ela é a certeza de que os novos assinantes vão ler e saborear e inquietar-se pelo famoso. Em suma, o Porto caminha hoje com 30 deles e esperamos que na próxima quinzena apareça com a mesma vivacidade.

Lisboa desceu um nadinha! Mas a gente não se assusta. Lisboa é Lisboa. Pois caminha com 20. E só uma lista que Senhor Padre José Maria mandou traz 9 mais uma legenda simpática: «Cá está Lisboa a marcar». E tem marcado. E há-de continuar.

**DO MINHO AO ALGARVE:** Sim senhor! Muitas terras do nosso Portugal continuam a trabalhar em cheio! Vamos então começar pelas que mais se destacaram. Espinho, onde durante muito tempo vendi o famoso, segue de vento em pôpa. Duas Senhoras amigas mandam uma lista recheada. A propósito, segundo o Preto, que hoje é o vendedor daquelas bandas, esgota por lá 100 jornais agora, no inverno! Ora se os senhores me permitem, viva Espinho!

O Barreiro é também um mar inesgotável. Aqui vai um ror de gente que trabalha na C. U. F. e mais e mais. Como Senhor Padre Acílio ficará contente!

Segue uma lista de Alenquer, pela mão do assinante 13989, «que falou com todas as pessoas que indica», acrescentando: «para 50.000 ficam a faltar menos quatro». Mas, pelo visto, não pára este obreiro. Continuará a deduzir, a deduzir! E muito bem! Porque «falou com todas as pessoas». O que é muito importante.

E a procissão continua com Fermentelos e Coimbra e Gaia e Gondomar e Tavira. Mais Alandroal, Rio Maior, Gafanha da Nazaré, Vera Cruz (Alentejo), Costa do Valado, Lousã, Gouveia, Carcavelos, Amadora, Venda Nova, Alijó, Aveiro, Santarém, Esmoriz, Alcains e Mação.

**ULTRAMAR:** Os portugueses espalhados por esse mundo além continuam a marcar uma presença agradável.

# Belém

Não esquecemos todos os nossos amigos aos pés de Jesus Menino, durante a quadra do Natal e Ano-Novo mórmente nas festas do nascimento de Jesus, em que a Obra completou dois anos, e da Sagrada Família, a quem a mesma foi consagrada desde o início. Esse dia, foi celebrada, na linda Capela do Seminário das Missões, Missa em acção de graças pelos muitos favores recebidos e a pedir as benções de Deus para o novo ano que começa.

Depois as belenitas foram visitar o artístico Presépio e colocar as suas prendinhas aos pés do Menino Jesus, em sinal de reconhecimento pelo muito que em Seu Nome têm recebido. Como no ano passado, em resposta receberam outras, voltando a casa radiantes, apesar do mau tempo.

São já tantas, graças a Deus, as pessoas que conosco vivem em comunhão de ideal! Como eu gostaria de ver publicadas algumas das cartas aqui recebidas, tão ricas de compreensão, de amizade, encorajamento e interesse!

x x x

Uma Maria de Portugal envia de Newark 10 dólares. Da vizinha dos avós e dos Pais, «para ajuda de consoada, com sincera desejo de muitas felicidades» três de 100 da Beira, Moçambique.

As raparigas da J. O. C. F. da Ilha de Moçambique envia-

ram roupas e... «Considerai-nos sempre ao dispôr». Uma assistente social de Peso da Régua comparece com 50 — «pequenina lembrança para o Natal das belenitas, pedindo a Deus as Suas benções para obra tão cheia de ternura como essa». Outro tanto de Maria Soledade, de Lisboa.

Também a Conferência de S. Vicente de Paulo de Maceira-Liz enviou roupas de cama e de vestir. «Com todo o meu carinho pelas suas filhas», 50

## ECOS D'ALIJO

O 16 de Janeiro apresentava-se com cara de mau. Mesmo assim não transformou os nossos planos.

Como o Senhor Padre Carlos é mau da figadeira, levou-me consigo para fazer companhia, até porque sou do mesmo mal.

Tomámos o comboio das 10,45 em Cête e no percurso da viagem fiquei admirado com a beleza dos montes e suas encostas repletas de oliveiras e vinhas, onde é extraído o conhecido vinho do Porto, principal riqueza desta região. Depois, o Rio Douro com suas águas barrentas. Em suma, como é bela a natureza!

Chegámos à estação do Pinhão e ali apareceu um senhor conhecido que amigavelmente nos levou a Alijó, que fica a 16 quilómetros de distância.

Fomos recebidos na Pousada pela Senhora D. Jeanne Jaillot Rufino que depois, amavelmente, nos conduziu à sala de jantar para almoçarmos.

Nada nos faltava. Fizemos de conta que estávamos em nossa Casa.

Sobretudo das nossas Províncias Ultramarinas não há quinzena sem algo a noticiar, do amor que permanece bem vivo no coração de todos. Hoje, temos Luanda e Uíge, de Angola. E Lourenço Marques, de Moçambique.

Os nossos compatriotas do Brasil também aqui vão, muito contentes, com assinantes da Baía e do Rio de Janeiro. Quando aparecerá um de Brasília?

Durante os dias lá passados visitámos o Hospital e Pavilhão dos Tuberculosos, Abrigo dos Pequenos, Cantina Escolar, casas do Património dos Pobres, etc.

Encontrámos lá dois rapazes orfãos, que vivem na miséria e mal souberam quem era o Senhor Padre Carlos, não lhe deixavam a porta; todos os dias lhe iam pedir que os trouxesse para nossa Casa e, mal o viam em qualquer parte, agarravam-se-lhe à capa: «Oh Senhor Padre leve-nos para os Gaiatos». Fomos visitar as suas habitações e vimos, de facto, que tanto um como o outro, apesar de não serem irmãos carnis, vivem miseravelmente.

Domingo 22, fomos a Sabrosa assistir à entrega de 4 casas do Património. Estava presente o Senhor Bispo de Vila Real, Presidente da Câmara e outras entidades oficiais e religiosas, não faltando a Filarmónica local e a M. P.. Usaram da palavra, referindo-se ao esforço e sacrifício daquela boa gente transmontana, o Senhor Bispo de Vila Real, o Senhor Padre Carlos, e o Pároco da Freguesia. No final, viemos para Alijó no carro do Senhor Presidente da Câmara desta vila.

Dia 23, quando saímos de regresso a Paço de Sousa, confesso que tive pena de deixar aquele ambiente tão familiar, onde vivemos oito dias maravilhosos. Agradecemos o carinho de todo o pessoal da Pousada, e aqui vai um Muito Obrigado especial à Senhora D. Jeanne.

Júlio Mendes

Tomás de Pinho

do Porto. De Vila Fernando, outro tanto para material escolar. «500 retirados ao trabalho árduo de cada dia» de «humilde pecadora» do Douro. Assinante número 17740. «Nosso Senhor lhe dê sempre forças para O servir, servindo o próximo» — diz uma Amiga da primeira hora que envia 100. «Uma Vicentina muito dedicada» envia outros 100 «que é uma gota de água mas dada com mito amor pelas suas belenitas e pela obra que muito admiro». Ana Maria, do Mogadouro enviou primeiro 50 e depois um par de sapatos. De Viana do Alentejo comparece Emília com 50, em louvor de Santa Filomena. Tecido de flanela e camisolas interiores da assinante número 33.745. Roupas de Maceira-Liz. De Coimbra, 3 camisolas. «Uma viúva cheia de amarguras, 50 com muita mágoa de não serem cinquenta mil, que tão bem aplicados eram». Volta Rosarinho com 40 para o Natal das belenitas. 100 de uma Mãe e «que a graça de Deus a acompanhe sempre e às suas memórias, para quem mando muitos beijos». 20 de Ilda Delgado, de Lisboa, «grão que junto a outros fará do Natal das belenitas verdadeira festa de Família». Catarina, de Coimbra, 50 «com beijinhos para as belenitas». De «Humilde Portuense» 200 de uma promessa que cumpre mesmo antes de ser atendida, tal é a fé na intercessão de Santo António e Pai Américo. Da Rua da Paz de Viseu, 50. Peças de roupa de criança do Dafundo, «com muito carinho e desejos de felicidades». 100 do Porto «para comprar brinquedos para as mais pequeninas, pedindo-lhes que roguem a Deus por meus filhos». Encomenda de roupas do Luso. 20 de Vila Chã. 50 de uma professora de Serpa. Dos Armazens António das Águas, de Viseu, 50 e 10 chapelinhos para as belenitas, com cumprimentos de Boas-Festas. Vão 100 e «às suas pequenitas peço diga que uma amiguinha que mora longe lhes manda muitos beijinhos». Uma «portuense qualquer» envia 20 e pede uma prece pela conversão de seus pais. Para as boroas da consoada, 50 da assinante número 7221 de Trancoso. Um grupo de Telefonistas da Central da Praça do Comércio, em Lisboa, envia encomenda de roupas «com toda a simpatia».

«Estudei em Viseu, de 1941 a 42 e aí me trataram como família. Boa gente. Em atenção a isso e a ter já uma filha, escolhi Belém para o meu pequenino óbulo. —Um irmão». Bem haja, em nome dos visenses, Irmão Lisboeta!

Agora um João de Elvas com 50 e a amiga Maria Teresa, de Lisboa, com outro tanto. De Braga voltam Maria Cecília e Maria com as contribuições de Novembro e Dezembro — 100. A Benfeitora anónima de sempre aqui está com 160 e três cartas sempre cheias de palavras de amizade e conforto. Outra amiga que nunca se esquece, Maria Amélia, da Avenida de Roma, em Lisboa — 150. Maria Ruy, de Vilar de Ordem entregou 600 na Casa

# A G O R A

Continuação da primeira página

Cartaxo, para a dos *Professores Primários*.

O Pessoal do Grémio da Pannificação do Porto. O da HICA acompanhado pela sua Administração com o segundo semestre de 1960: 10.161\$60.

E agora é o grupo mais numeroso. No estandarte que o precede, lê-se: «Casas a prestações». Quase todos os componentes trazem representação de duas e mais comparências, ainda não noticiadas em virtude de há muito não ter saído a «Procissão».

Vamos lá relatar o desfile: a Casa de S. Carlos e «Que Deus me aceite e me ajude a ter também o meu lar»; penúltima prestação referente a 1960; Casa Ana e João; o do «plano decenal»; Casa dos Nossos Avós; Casa do Pedro; Casa de N.ª S.ª das Graças agora chegada ao fim; O nosso cantinho, com desejos de que seja algures na Beira Baixa; Vivenda de S. José, mandada de Mutuáli; Casa do António; do Fernando; Casa Fé em Deus, da Mãe que nEle crê e este desabafo: «Contra o meu desejo, não me é possível enviar mais. Mas resta-me a ideia, e Deus sabe, que me possa ser aplicado o provérbio: «Faz mais quem quer do que quem pode».

M. M. — A. L. fica na 7.ª

Marques e Vieira de Viseu. Boa Amiga da Covilhã enviou uma peça de flanela «Jacinto».

De Paço de Sousa 1.770\$00, total dos donativos ali recebidos.

Entregues na cidade ou em nossa casa 1.750\$, roupas e géneros alimentícios. Desta vez foram os visenses que forneceram as nossas mesas de frutas, bolos-reis e outras doçarias, pelo Natal e Ano Novo.

«Em sufrágio da alma de minha saudosa esposa, junto aqui 500 escudos» — Viseu. Amiga de Vila Moreira enviou um fogareiro a gaz cidla, de dois bicos. Sacerdote da Cova da Iria mandou 100 por alma de seus Pais.

A representante do Casal R. D., 50 para gastar em bolos no dia da Imaculada Conceição, em que faz 37 anos de casada.

Agora 3 mil do Governo Civil de Viseu. Bem-haja o Senhor Governador que nunca se esquece de Belém.

«Vai aqui junto um cheque de 500 para ajudar um pouco a sua magnífica aventura. De todo o coração consigo» — é de Lisboa.

Também de Inglaterra chegaram dois livros sobre a vida de Jesus, ilustrados, para crianças.

E terminemos com este cartãozinho escrito numa letra incerta, de criança:

«Com os meus respeitosos cumprimentos, em nome dos 7 netinhos do meu avô, incluso envio a V. 150\$ para os seus pintaínhos — José Paulo».

Inês — Belém — Viseu

prestação da que já não é a sua primeira casa.

Maria e Manuel explicam a sua longa ausência: «Nem esquecimento, nem quebra de promessa... Apenas, uma grave doença e prolongada, me tem impedido de cumprir». Não sei sequer quem escreve: se a Maria, se o Manuel. Ao que foi, daqui lhe desejamos as melhoras.

Casa S.ta Filomena «e que Nosso Senhor me dê forças e entusiasmo para ir até final». Casa João e Pedro, terminou e desejava que fosse levantada em Murça para uma família há tempos ferida pela morte do chefe em vésperas de embarcar como colono. Escrevemos para lá. Ninguém respondeu. Creio que o caso está remediado.

Um Engenheiro, de uma Família deles, acaba agora com 7 contos a casa há cerca de um ano principiada com 5.

Casa Carolina; Helena, com a sua Casa de S. Francisco; o assinante 6790 fica na 70.ª prestação. Ana Maria de Luabo, tem aqui três presenças de 500\$ cada. Agora teve de interromper e ficou muito triste. Ora vá oferecendo a sua pena no antegozo da possibilidade de recommençar — e não será inútil a pausa.

Do Rosário, que alguém do Porto quer edificar, terminou em Dezembro o 3.º mistério e já vai em duas A. M. do 4.º — a Apresentação.

«Ainda está muito longe o fim». — escreve ele. Que importa o fim quando no nosso coração há uma finalidade tão forte que nos move à acção por excelência: amar?!

A Casa de Minha Mãe vai em 21 pedras de mil. Eu não sei onde é que esta senhora põe a meta. Eu creio que para ela não há meta, de tão grande que se nos revela o seu coração.

Deus a compensará da sua Caridade, que não se limita à esmola, mas vai à Comunhão permanente e íntima na vida desta Obra a que consagra ta-

manho amor. Esperamos que a Casa de minha Mãe há-de ser uma das dezenas que estão subindo e para subir em Leça da Palmeira.

Outra Casa de Santo António: «Começamos hoje novamente, pedindo-lhe que reze por nós e pelo nosso filho que em breve virá ao mundo — Um feliz casal de noivos».

Como não ser feliz um casal que assim cimenta a sua unidade?

E já que estamos em maré de casais felizes, mais deles: «O casal-assinante 28.562»; «Um Casal agradecido ao Senhor», que entregou ao P.e Acílio duas prestações de 2.000\$, cada; e outro Casal felicíssimo, já muito nosso conhecido, completou a sua 3.ª casa, que, «não havendo inconveniente, gostaríamos que fosse dedicada à Maria Isabel, segunda filha que Deus nos deu, entretanto». E tendo construído três casas de um fôlego, avisa que agora parará um tempo, não por parar, mas para responder ao apelo do Senhor Patriarca em favor das novas Igrejas indispensáveis ao crescimento da sua diocese.

«Zé Ninguém» manda a «7.ª prestação das doze que anseio por mandar». E acrescenta: «Tenho lutado para poder enviar neste dia em que faço anos de casada. É como se fôsse uma prenda que recebesse tal a alegria que sinto em contribuir para agasalhar um irmão mais pobre do que eu». Que há-de fazer a gente diante de tanta grandeza, senão ajoelhar?!

Casa Avó Ema fica na 37.ª. «Uma Mãe amargurada» volta pela Casa Ao meu Senhor-pelo meu Filho. «Ainda estou tão longe do fim, mas já saboreio a felicidade de agasalhar Alguém. Se eu pudesse antecipar a construção!... Quem sabe? Sempre que possa hei-de mandar mais alguma coisinha. Deus há-de ajudar-me».

De Escalos de Baixo, mais mil.

A Casa dos Grilos fica em 2.000\$. Mais igual importância

para a Casa de N.ª S.ª de Fátima e 300\$ para a de N.ª S.ª do Rosário, de Nespereira.

Maria Luísa ficou em dia no fim do ano. N., o costume para a Casa Rainha das Virgens.

A Avenida João XXI, ficou em 14 e está disposta a chegar aos 20 contos.

Africa nunca falta na «procissão». Beira com 500\$ para o Casal Maria José. Outra vez Beira, a L. C. C. com objectos de ouro e prata no valor de 750\$00, início da Casa da Mariazinha e Fernando.

E Nampula com 3.530\$, juntos no cinema local depois da nossa palestra. Esperamos que os Nampulenses não esmoreçam e tenham depressa a 2.ª «Casa de Nampula».

E no último lugar passam os

estudantes do Instituto Superior Técnico, que já não são desconhecidos nossos em gerações de há alguns anos.

Deixemo-los projectar e ir realizando como é próprio de engenheiros:

«Entusiasmada com a ideia de angariar fundos para a construção de uma casa para pobres por intermédio do Património dos Pobres, a Juventude Universitária Católica Feminina do Instituto Superior Técnico lançou, neste Natal de 1960, uma Campanha nesse sentido. Deste modo e com a colaboração de muitas alunas e alanos assim como de grande parte dos Senhores Professores e Assistentes e de alguns alunos de outras Faculdades, reuniu a J. U. C. F. de Técnico a quantia de 4.539\$00 que junto envio.

É nossa ideia contribuir com a importância total correspondente a uma casa, pelo que continuaremos com esta Campanha durante este ano e nos anos seguintes, se necessário, até perarmos uma receita de, no mínimo, 12.000\$00.

Assim seja.

## Nós em Gondarém

Na véspera tínhamos apresentado a nossa «companhia» teatral em Cête. No domingo, fomos até ao Minho dispostos a fazer exibição em Gondarém, terra onde trabalha o senhor Padre Américo — um Padre que usa como braço aquela frase bendita: «doravante serás pescador de homens».

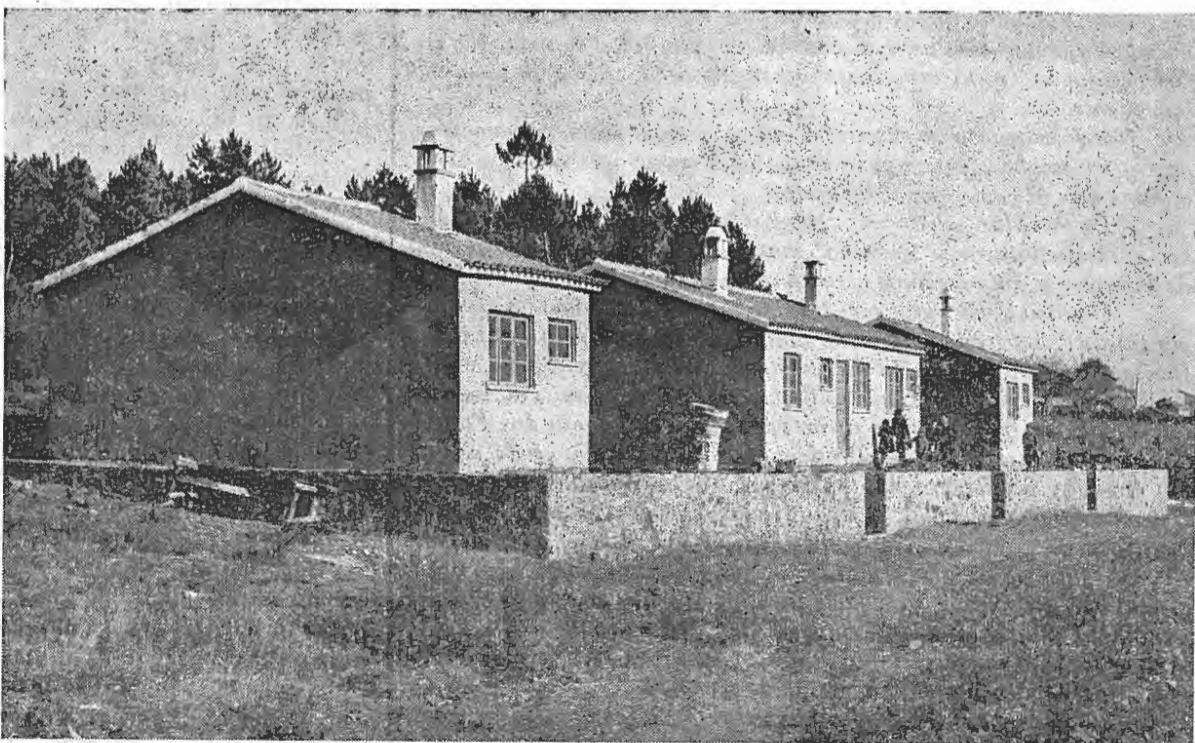
O Américo, é o «empresário» da companhia teatral, e como tal, prometeu ir fazer fogo lá no Minho, de onde trouxera muito boas recordações.

A santa missa foi celebrada e assistida ainda na nossa Capela. A furgoneta está a abarrotar. Somos desassete. Sr. Padre Carlos passa embrulhado na sua capa, e diz um arzinho da sua graça, como que um abençoar: «Lá vão os saltimbancos». Foi com este nome que saímos da nossa casa, dispostos a trazer um nome mais digno do nosso talento. Senhor P.e Manuel pediu a carinha de Beire, e lá fomos nós

a caminho de Gondarém, saboreando com sofreguidão o deleite, as belezas panorâmicas que a Natureza nos oferece. A nossa alegria correspondia a essa beleza, e foi assim que fizemos a primeira paragem em Braga, para bebermos um cafézito com que aquecemos.

Depois parámos em Valença, para vermos com os nossos olhos o que na História reza Dali a Gondarém é um salto. Chegámos. Os sinos repicaram em sinal de regozijo do Pasto daquele lindo monte, que mais se assemelha a um presépio. Melhor recepção não podíamos ter. Depois, o almoço, e aqui pudemos ver o bom gosto e a cozinha da Snra. Margarida e da senhora Rosa, que disfrutaram já de grande popularidade e amizade nos corações destes Gaiatos. Senhor Padre Américo nem do «fins se esqueceu. E, como cientes das nossas festas, até o cigarito nos trouxe para a mesa. Claro que o queijo não podia faltar, senão Senhor Padre Manuel ficava amuado. Fomos para o salão de festas da Paróquia, que logo começou a encher. O espectáculo começou com o drama «Os dois santos», que saíu óptimo e conseguiu arrancar lágrimas a espectadores. A comédia «Um cálculo errado», veio trazer alegria, o riso e o bom humor àquela boa gente, que tão bem soube assistir àquele espectáculo. Depois de acabado, veio a merenda, em que bebemos e comemos num ambiente familiar. Se até ali, dentro da casa do Pároco há um «Café»! Sr. Antoninho, lá estava na sua cama, com seu rosto sorridente e com os seus 12 anos à porta. Entre abraços e apertos de mão, viemos embora, não sem um pouco saudades daquela terra, que tão bem nos soube acolher.

Ernesto Pin



O Património dos Pobres não para. Eis o núcleo de moradias recentemente inauguradas em Sabrosa.

